

1º Prémio

Plátano

que nem o teu desespero
nas tardes frias de chuva
nem essas mãos a tremer
sobre as cartas que escrevi
nem os plátanos
que te deixam no outono
nem a vigília do inferno
nem a indolência do céu
nem a dor da madrugada
nem dúvidas
sobre o que nasce
certezas
sobre o que morre
nem memórias, por mais doces,
nem absolutamente nada

meu amor te dê a dúvida
de que te pertença e fico
para lá do fim da noite
e que até no tempo infundo

só os teus lábios me abrandam
só os teus beijos me calam

Pedro Guilherme-Moreira

2º Prémio

“ Memória até adamastor”

Esta cama é um perfume que não passa.

Estendo o corpo na corrente
desse rio que trouxeste.

As margens têm um sotaque seco
ou falam um idioma sem folhas.

As árvores arrefeceram os pássaros
e ao fundo há um banco enlouquecido
por habitar a nossa pele.

Esta almofada é um barco
que carrega a memória até Adamastor.

Porque baloiça tanto o corpo
dum homem no silêncio?

O mar foi feito para arder
e eu sempre quis navegar as árvores.

Alberto Pereira

3º Prémio

“ Soneto”

O caçador caçado por corças velhas;
o salmão cor de prata que nada no ar;
as flores pilhando pólen às abelhas;
o elefante esquecido de regressar.

O cais avançando mar adentro;
o comboio penetrado pela estação.
O silêncio dizendo tudo por dentro
da fala que se furta ao sim ou não.

Pura é a saudade do nunca visto,
a do real sabe a morte e mete nojo.
Escrevendo ignorando quem escreve isto,
destas coisas que possuo me despojo.

Íntimo - sou de quem me desconhece.
Só impossível o amor me apetece.

João Albuquerque

MENÇÕES HONROSAS

“ O nosso pequeno nada...”

O nosso pequeno nada é para mim o melhor dos nossos grandes momentos.

Não sei se te lembras, mas foi no carro. Aliás é sempre no carro. Quando ouvimos a estação de rádio que eu escolho sempre, que passa as músicas que eu sei de cor, como tu sempre comentas, ambos vamos sem conversar, e eu vou a cantar.

E vínhamos de onde, lembras-te? Penso que vínhamos do Alentejo. Eu tinha tomado banho no mar, apesar de ser Outubro e tu tinhas ficado a dormir na toalha. Antes tínhamos comido umas sardinhas tardias, numa esplanada ao sol, com vista para o mar. Lembro-me das cervejas frescas, das matilhas de cães que andavam na vila alentejana e até me lembro de que passei o tempo com a noite anterior na cabeça. Gabámos as sardinhas. Comentei que eram como a mulher portuguesa, pequeninas e gordinhas. E desde aí chamas-me, algumas vezes, a tua sardinhita.

No regresso, eu liguei o rádio, escolhi a música e seguimos. Pus os pés em cima do porta-luvas e ficámos calados. Até que olhei para ti. E tu reparaste. E começaste a sorrir, ainda antes de virares a cara para mim. E perguntaste o que se passava e eu respondi nada. Algumas vezes perguntaste, algumas vezes respondi. Até que, enfim, tirei os pés do porta-luvas. Até que baixe o rádio. Até que esperei que o nada se transformasse em tudo. E disse-te:

- Lembras-te que te disse que te amava ontem. - Não perguntei. Afirmei. -

Lembras-te que te disse que te amava ontem - afirmei de novo. - Disse-te e tu não respondeste nada - acrescentei.

E tu aí disseste o meu nome. Como fazes sempre antes de me dizer qualquer coisa importante. O meu nome é um travessão antes do início de uma declaração. E disseste:

- Eu ouvi, ontem - e acrescentaste, de mãos nos volante, ainda a sorrir -

Mas não preciso de te dizer o mesmo para saberes o que eu sinto. Tu e eu devemos ser suficientes para saberes que também te amo.

Na verdade, não disseste amo. Disseste que te quero. Porque não usas esse verbo, amar. Para ti querer-me é amar-me. E tu queres-me. E eu não tive como contra-argumentar. E troquei o nada por um pois. E olhei para os meus pés descalços, com areia no meio dos dedos. E lembrei-me da tua cara > quando que eu vesti, já no

parque de estacionamento da praia, o biquíni
atrás do carro, escondida e corada. E tu disseste que eu estava a ser um > pouco hippy. E riste-te muito
da minha rapidez, do meu embaraço, quando
não havia ninguém ali. Quando eu podia ter feito tudo muito devagar,
porque não passou ninguém. E comentaste, no fim, que o meu biquíni me
ficava bem, ali naquela praia de pedras pretas, ali no Alentejo.
E lembrei-me dessa cara de quem me descobre nos nossos pequenos nadas.
Sejam umas sardinhas tardias. Seja nas músicas que canto, e que sei quase
todas de cor, ou pelo menos o refrão. E como tu comentas, sempre, que as
canto todas. E depois, aí, depois dos pés, do carro, do biquíni, do mar,
olhei para o anel que está no meu dedo, até hoje.
Algures entre as sardinhas, o biquíni e o mar, compraste-me um anel. Eu
escolhi, mas tu apontaste primeiro para ele. Por isso escolhemos os dois. > Puseste-mo no dedo, em jeito
de brincadeira, em jeito de noivo no dia do
casamento. E eu ri-me muito. Apesar de ter a noite anterior na cabeça.
E depois de tudo isso, enfim, olhei para ti. Silencioso. Porque sabias que
eu ia responder. Sabias que os meus nadas são sempre os caminhos para os
tudo. E eu sorri-te. E olhei esse cabelo despenteado, os grãos de areia
que tinhas presos na barba e para as tuas mãos no volante. E respondi.
- Sim, eu sei. Tens razão. Tu e eu.
E voltei a pôr a música mais alta, e voltei a pôr os pés em cima do
porta-luvas. Toquei no anel e lembrei-me dos teus olhos para a hippy em
mim, para a tua mão quando puseste o anel no meu dedo, para as palavras
com o teu sotaque quando dizes: és a minha sardinhita.

Alexandra Abreu Lopes

Menções Honrosas

"Podia desbloquear a máquina, por favor?, Obrigada."

Três euros e setenta. Marlboro vermelho. Um maço. Da marca que tu fumas. Baixo-me para apanhar o tabaco. Introduzo mais vinte e cinco cêntimos. Baixo-me para apanhar os fósforos. Retiro a película de plástico, que envolve o maço, lentamente. Não o faço com destreza. \(\(Normalmente, não fumo.)

Depois pouso o maço aberto em cima de um balcão de madeira e risco um fósforo. Não acende à primeira, nem à segunda, mas à terceira eu levo a melhor e faz-se lume. Junto a ponta do cigarro ao lume e queimo-a. Tenho a cabeça baixa e pesada. O cigarro está agora aceso.

Levo o cigarro à boca, procurando-te. O primeiro trago sabe-me de facto a ti, à tua boca, quando acabas de fumar a última passa e encostas os teus lábios aos meus, ainda quentes e enevoados.

Demoro o cigarro na mão. Deixo-o queimar, por entre os dedos. Levo o cigarro à boca, tentando encontrar-te novamente; busco esse breve instante de inconsciência em que, por uma fracção de segundos, o cheiro do tabaco me recorda a tua boca - a tua boca, nos momentos em que menos gosto da tua boca, mas ainda assim, a tua boca -, e estou outra vez contigo.

Demoro o fumo na minha boca, no meu corpo. Olho para o maço aberto, pousado em cima do balcão de madeira e leio: "Fumar pode provocar uma morte lenta e dolorosa". Olho para o chão, inclino-me sobre mim e a mão que segura o cigarro treme. Dou-me conta do triste que sou, buscando-te num cigarro, aceso à meia-luz, numa noite fria e escura, em Sintra. Olho para a minha mão, onde o cigarro não pára de arder. Por momentos, apetece-me atirá-lo ao chão e pisá-lo; exterminá-lo, debaixo do meu pé.

Mas no momento em que o fizer, sei que não me restará já nada de ti, nesta noite fria e escura. Penso nisso e deprimos-me. Poucas vezes me senti tão só. Tenho frio. E tremo.

Pego nas minhas coisas e saio do café. Cá fora está ainda mais frio. Levo o cigarro à boca e trago com força. Onde estás tu? Não te encontro. Volto a levar o cigarro à boca e busco-te aí mais uma vez. E mais uma vez, já não estás. Engasgo-me e tusso. Tenho a cabeça baixa e tremo. O cigarro ainda está aceso.

Ouço uma voz, ao meu lado. Pergunta-me: O que é que te fizeram?. Depois, acerca-se, retira-me o cigarro das mãos e apaga-o com um pé. Envolve-me com um braço e conduz-me para o carro; para longe dali.

De ti, fica apenas o cheiro que tenho nas mãos, de perfume com nicotina. E nada mais.

Ana Rita da Silva Freitas Rocha

Menções Honrosas

“ Tia Gena”

Na verdade eu não conheço bem a tia Gena. Conheci. Mas fazia por não conhecer. Quando era pequena, achava que não gostava da tia Gena porque ela era bêbada e desdentada.

Da tia Gena sei que é casada com o Picheno e tem dois filhos e uma filha: o Picheno mai belho (o Zé, que também é muito bebedinho), o Picheno mai novo (o Manéu, que até é bem atinado, coitadinho do rapaz, mas muito defeituosinho de corpo) e a Minda, que é muito boa moça, mas de quem > sempre tive muito medo por ser atrasadinha (a culpa é da minha avó, que sempre lhe chamou atrasadinha quando ela não estava). Os Pichenos trabalham nos cemitérios. Preparam as lajes das campas. O Picheno pai, que é um frangalhote com as calças a cair por ele abaixo, ficava todo contente quando eu lhe chamava tio. Não que eu quisesse, até porque em miúda não tinha bem a certeza de termos algum grau de parentesco, mas porque tinha a leve suspeita que ele não sabia que lhe chamávamos Picheno. Quando era mesmo necessário dirigir-me a ele, ficava atrapalhada e em último recurso, soltava um tímido: 'Tio'. O tio Picheno tinha os dentes da frente. E quando sorria parecia um rato.

A tia Gena, pelo que contam e pelo que vi, sempre foi meia atolambada, mas ficava muito contente quando nos via. Sorria com aquela boca toda aberta e desdentada e quando nos dava beijos, sim, porque deles não nos livrávamos, os lábios vinham sempre molhados e com um cheiro característico. Aquela mulher sempre me cheirou a cabrito. Achava eu que naquela casa tão pobre, um corredor de barracos a cair, sito na Rua do Montinho, se devia comer cabrito do bom e do melhor, todos os dias. Hoje, tenho quase a certeza, que o cheiro dos lábios da tia Gena, era do tempero do cabrito, que nunca chegava a ser temperado.

Um dia tocaram à campainha da nossa casa nova, que era grande e tinha quintal. Eram os Pichenos anunciando a boda do seu mais velho. Entre escolhas de fatiotas, reclamações de eu não quero ir que nem os conheço bem, barafustos de eu não tenho dinheiro nem para o que é preciso quanto mais para gastar em prendas e quero mas é sossego e ninguém me deixa, lá fomos todos contentes e bem vestidos ao casamento do Picheno mai belho. Da cerimónia nem me lembro. Do vestido da noiva tão pouco.

Lembro-me e, ainda bem, do copo-de-água no restaurante domingueiro ao pé

da estrada. Depois do bacalhau, do tilintar nos copos e do beijo dos noivos, a tia Gena, já regada e feliz por ter o seu mai belho bem casado, faz-se anunciar da sua necessidade em ir à casa de banho. Os momentos seguintes não sei descrever com a mestria de combinar palavras que se exigiria. Qual Fénix Renascida, a tia Gena regressa da casa de banho no seu andar mais elegantemente desengonçado, com a sua boca mais sorridentemente rasgada e desdentada quanto possível e... sem saia! A histeria percorreu o salão. Braços no ar, mãos tapando olhos, gargalhadas sonoras, ai mulher que tu 'tás tola, convidados que iam fumar cigarros lá fora, espinhas de bacalhau engasgadas em gargantas, esta mulher que só me faz passar vergonhas, eu vou-me embora, tapem a Gena... e ela sempre sorrindo pergunta: "Ãm? Que foi?" enquanto fica especada e desnudada perante a plateia em delírio.

A minha avó de volta dela a tentar tapar o cú da Gena, com as suas duas mãos. A mãe da noiva lavada em lágrimas de volta da Gena a abanar continuamente a cabeça. As irmãs ora de um lado, ora de outro questionando a pobre Gena. E a tia Gena, sempre sorrindo pergunta: "Saia? Que saia?" A cena durou duas horas. Talvez dois minutos. Mas longos. Até que a minha mãe, sentada na sua cadeira em frente à mesa, onde ainda havia travessas de bacalhau crocante assado no forno recehado com queijo e fiambre, disse: "Vê-lhe por baixo dos collants." E assim se mata uma festa e se desvenda um mistério.

Só eu e a tia Gena continuamos a rir durante horas do que tinha acontecido. Naquele momento soube então o quanto gostava da minha fantástica tia Gena, que nos dava todos aqueles beijos e abraços como só ela podia.

Deolinda Maria Galvão Rodrigues

Menções Honrosas

“Despimo-nos do corpóreo e do incorpóreo...”

Despimo-nos do corpóreo e do incorpóreo. Aqui, em terras ribatejanas, onde em tempos, frades capuchinhos se devotaram a S. Baco. Votos de pobreza, oração e trabalho respiram-se! Ainda se sentem as suas pegadas diárias em busca da santidade desbotada no real das duas vidas.

Chego e poiso o meu tripé. Tiro da mala o meu estojo. Escolho o meu melhor pincel e começo pelo verde. É tão intenso e vivo que não posso resistir-lhe por muito tempo. Um manto verde cobre quase todo o chão, apenas entrecortado pelos caminhos beges da terra agora pisada e repisada por rodados de carros.

Talvez em outros tempos se vissem cavalos, carroças e até mesmo os cajados dos frades. Galhos castanhos repousam nesse manto verde e sobressaem florzinhas amarelas de caule verde, daquelas que em miúda chamava de "azedas" e que chupava às escondidas de todos! A sensação do azedo arrepiava-me a pele!

O vento dá-lhes, de quando em vez, e sente-se uma brisa suave que me faz ouvir a melodia. "Nas asas do vento que vem..."

Continuo pincelando no meu cenário natural. Árvores, muitas árvores povoam as margens do rio. Árvores de tronco principal grosso, disforme e ramificado em raminhos fininhos e completamente nus. A sensação é que estarão secos mas a sua cor castanha escura e viva, afasta-a.

Daqui, onde coloquei a minha tela, o rio faz uma saliência arredondada. Hoje há mais lodo viscoso, escuro, castanho, do que água. Mas quero pintar água. Água que cobre estas ilhas de terra e lodo que se vêem e esta ausência da vida dos peixes.

Visto deste ponto, o rio quase parece pequenos lagos que se tocam em margens de terra comuns, margens que são amontoados de ramagens, de arbustos, de vegetação, na sua maioria acastanhada. Em todos os castanhos que a minha paleta de tintas consiga fabricar.

Quando páro a avidez da pintura e me sereno, pássaros aos pares, sozinhos ou em família vêm para mais perto e oferecem-me o doce dos seus corpos, a luminosidade das suas penas e a frescura dos seus cantares! Um deles, branco, grande, quiçá uma garça, fez um vôo bem rasteiro à água e abriu por completo as suas asas. Diria que foi um misto de pertença e de liberdade,

buscando um rumo e deixando-se conduzir.

O sol desceu. Afinal sempre vou pintar o pôr-do-sol. Como aquele que se reproduz numa das minhas memórias mais felizes.

Jericó, a "Cidade das Palmeiras", quase que poderia ser aqui. Aqui, poderia ser o que se quisesse.

Por isso, pinto o céu de azul claro, em mantos brancos que se adensam, mais nuns lados do que noutros. E, junto ao rio, a uma distância simpática e apelativa, vou fazer nascer uma casa de madeira, com um alpendre grande e uma cadeira de baloiço, para onde dão duas grandes janelas largas e com um corrimão que sustenta pequenos vasos de amores-perfeitos. Uma esteira suspensa, com uma manta azul-turquesa, espera por nós. Cheira a jasmim, do chá quente acabado de fazer e posto na mesinha pequenina da rua. As bolachas de canela estão no frasco de vidro de tampa dourada. E nós sentamo-nos nas almofadas laranjas "pele de pêssego".

Estamos juntos finalmente e lembro-me de pensar: "Aqui, em terras ribatejanas, onde em tempos frades capuchinhos se devotaram a S. Baco, votos de felicidade e amor em estado puro, respiram-se!"

Aglaia

Isabel Sofia Medeiros

Menções Honrosas

Rascunho de cena de sexo de um romancista incompetente ou prosa irregular ou poema limiar

era uma cama de hotel, e como todas as camas de hotel tinha essencialmente lençóis,
serás o desenho da anarquia no linho da manhã
quando os sulcos da cama são tantos quantos os trilhos dos sonhos
e guardarás esses desenhos noite dentro. Só a cortina clara está corrida e a luz apagada e tem de estar lua cheia, é prateado o aluvião do quarto,
víamos os corpos, o teu vestido disseste ao jantar ser musselina,
levantei-o nos braços passando a linha das ancas e as mãos nas costelas e o beijo na boca e tu arquejavas profundamente,
trunquei a poesia ao libertar o gancho do soutien, sabes o que fez as cortinas esvoaçar momentaneamente?
Aconteceu aí o meu primeiro contacto com a tua nudez,
aquela parte maternal do sexo em que nos debatemos com complexos freudianos,
os teus seios tinham uma maneira de se insinuar que enlouquecia, toquei-te no mamilo esquerdo com o lábio inferior, deixei a língua percorrer-lhe a superfície,
o teu sabor dentro do meu sangue dentro do meu cérebro dentro do meu peito,
fechei a boca em succões caladas, os meus olhos marejados em culpa clamando o deleite, estavas pênsil na fusão dos sentidos,
cabeça para trás, pálpebras fechadas, respiração ausente,
tombaram-me as mãos para as nádegas, a boca para o ventre,
tiraste o vestido pelo topo, vieram os cabelos desalinhar-se nos ombros,
fiz a língua percorrer-te todo o peito, as mãos libertar-te a última peça de roupa, ficaste nua prateada os pêlos púbicos uniformes os olhos claros (eras um corpo de silêncios)
deixei os dedos passar tangentes à tua pele, primeiro a testa o nariz os lábios o queixo o colo os mamilos, a curva inferior dos seios, o ventre a púbis o verso das pernas que me franqueaste, a linha das nádegas que segui daqui, rasgaste a camisa colaste-me a pele,
a roupa espalhada e nós velejando a volúpia nas vagas do linho, partiam os barcos, gemiam ao longe os longos avisos, não há tempestade nem choro plangente mas cantos diferentes por cada

caminho, afinal o vento entrou-nos no quarto, a espuma das ondas, o canto da
noite, o voo dos pássaros,
o embalo das árvores, a dança do trigo,
parece-me até que o mundo essa noite
se moveu por nós

(Obviamente fizeram amor.

Ela demasiado entregue, ele vazio ao libertar-se da curiosidade da textura
dela e do orgasmo na temperatura das suas coxas, ao lembrar que no amor, no
verdadeiro amor, não é preciso arrebatá-la, acabou deitado com a memória de
outra mulher na erva acetinada de um pomar sob uma maravilhosa-de-inverno
esperando o primeiro fruto em queda.

Ele, deitado ao lado dela, fingia dormir no plácido movimento da estação.)

Pedro Guilherme-Moreira

Menções Honrosas

“Episódios de uma rádio local”

- Ora boas noites caros ouvintes! Sejam bem-vindos a mais uma noite em que são vocês, fiéis ouvintes, que escolhem as músicas que querem ouvir. Durante esta hora daremos voz a todos vocês. - diz o radialista, entusiástico - E temos já um ouvinte em linha. Boa noite!

- Olá, boa noite!

- Com quem tenho o prazer de estar a falar?

- Maria de Lurdes.

- Seja bem-vinda à nossa antena D. Maria de Lurdes. Hoje é a primeira ouvinte a ligar. Já é costumeira no nosso programa, certo?

- É verdade!

- Bem-disposta?

- Sempre bem-disposta Sr. António Viriato!

- Então que nos vai pedir hoje?

- Antes de fazer o meu pedido gostaria de dizer que gosto muito do seu programa.

- Obrigado!.. - interrompe o radialista.

- Nunca perco um dia. Faz-me muita companhia. Sabe como é, uma mulher sozinha tem de se entreter com alguma coisa, e só não telefono todos os dias porque as chamadas são caras e a vida não está para grandes gastos.

- Pois sim D. Maria de Lurdes, todos nos queixamos do mesmo!

- A pensão é pouca, os preços disparam a toda a hora. Veja lá Sr. António Viriato que esta semana, na farmácia deixei lá quase metade da minha pensão. A idade não perdoa e as maleitas vão aparecendo. Quem lucra com isto são as indústrias farmacêuticas que nos levam o dinheiro todo.

António Viriato, o radialista, começava a ficar impaciente com tanto discurso. Sabia que numa hora de programa os discursos tinham de ser contidos. Maria de Lurdes continuava.

- Temos de tirar da boca para dar às farmácias. Enfim!.. O que interessa é que mal ou bem nos vamos remediando. O que vale é que o meu falecido marido, que já lá vão doze anos, me deixou qualquer coisa, não é muito mas ajuda. E este seu programa é um escape que nos faz esquecer as contrariedades da vida.

- Ainda bem D. Maria de Lurdes! Então diga-me lá qual é o seu pedido?

- Hoje vou pedir Joaquim Quitério, com o tema "Mulher apaixonada"!

- Quer dedicar a alguém em especial?
 - Sim, queria dedicar ao Sr. Francisco da mercearia.
 - Muito bem\!
 - É um excelente homem. Não sei como ainda continua solteiro. Sr. António Viriato, vou-lhe fazer uma confissão, como se ninguém nos tivesse a ouvir. Gosto muito do Sr. Francisco da mercearia mas ele não me liga nenhuma. Às vezes os nossos olhares tocam-se mas ele faz-se indiferente. Deve ter tido algum desgosto de amor muito forte para não se deixar arrebatar. Só tem um defeito, acho que é um bocado careiro na fruta que vende. Aqui há dias comprei meio quilo de ameixas que estavam bem caras. Mas ele lá sabe do seu negócio, não deixo de lá ir por causa disso, nem ele deixa de ser um excelente homem.
 - Muito bem D. Maria de Lurdes, vamos então ouvir Joaquim Quitério, com o tema "Mulher apaixonada", dedicado ao Sr. Francisco da mercearia. Boa noite D. Maria de Lurdes\!
 - Boa noite Sr. António Viriato e o resto de um excelente programa\! Eu estarei aqui deste lado a ouvir até ao fim.
- A música começa a tocar, guiada pelo acordeão. Três minutos decorridos entra outro ouvinte entra em linha.
- Boa noite caro ouvinte\!
 - Boa noite Sr. António Viriato\!
 - Com quem estou a falar e qual é o seu pedido? - notava-se na voz apressada que o radialista queria recuperar o tempo perdido com Maria de Lurdes.
 - Sou o Francisco da mercearia\! Estava a ouvir o programa e parece que falaram da minha pessoa.
 - É verdade\!
 - Queria pedir a música "Espero por ti" de António Leitão, para dedicar à D. Maria de Lurdes\!
 - Muito bem\!
 - E, sei que ela me está a ouvir, que para a próxima faço-lhe um bom desconto nas ameixas.

Pedro Ventura

Menções Honrosas

“Sinto o esmagar de tudo “

Sinto o esmagar de tudo, o pulsar fraco da existência, o respirar apressado do vento. Observo toda a beleza e contrário o movimento do mundo: caminho na direção oposta, rodeada de vazio, silêncio e bonomia. É solitária a estrada que percorro, é escura e perigosa, mas é única; é especial. Sei que vou para onde tenho de ir, vou encontrar o meu destino e sei que estarás lá para me receber. E deste modo, afasto-me das pessoas erradas para saber qual é a certa, para saber qual delas és tu. Conheço a tua alma, mas não o teu rosto nem o teu corpo.

Nunca me interessei pela beleza do óbvio, acredito que o que importa é visto mesmo de olhos cerrados e sentido à distância de um simples toque. Acredito em diferentes maneiras de amar o mundo, de ver a perfeição e de gostar do imperfeito. Acredito em oportunidades únicas, em coincidências do destino, acredito que existe alguém como eu e que a encontrei. Não foi no fim do caminho, não foi uma luz ao fundo do túnel, mas uma companhia do começo, a brisa de um nascer do sol, o embalo de uma noite fria. E assim se ativaram sensações que desconhecia, intensidades que me desconcertam, pensamentos que me ultrapassam. Outras vezes já pensei ter sentido Amor; mas nada se compara a esta sensação de rodopio da alma, a este mal conseguir respirar ou dormir; a esta presença que não me abandona nem por um segundo do meu dia.

Agora sei que na vida, não temos poder algum sobre nós mesmos, somos marionetas que respiram, apenas isso. Sei que andava os passos certos, apenas porque a havia uma força que me empurrava nessa direção, que afinal era a direção de ti. Sei também que dei os passos errados para poder sentir esta grandeza que me domina completamente. Não consigo que a minha cabeça impeça o meu coração de sangrar, o meu cérebro não suprime as minhas lágrimas nem o meu ser evita que te ame. Não sou nada, não possuo coisa alguma, não faço sentido sem te amar, agora sei porque - inevitavelmente - fazes parte de mim.

E preservo este sentimento numa bola de cristal, protegido e impenetrável, inacessível a todos. Não te quero para mim, quero-te para seres feliz,

porque a minha felicidade depende disso. Bastam-me os olhares fugidios, as palavras trocadas, as alegrias de quando te vejo. Prefiro manter o pouco que tenho, a perder-te para sempre - escolho a tua presença constante à tua ausência definitiva. Nunca fui de arriscar o que de mais valor tenho. Por agora, eu esperarei. A estrada ainda não terminou.

Susana Costa